

As Visitas de Fayola

Diz que era uma menina, uma mulher. Mas, não, não e não. Era Fayola.
Pois, vejam só. Era domingo, lembro bem.
Estava Fayola triste, cabisbaixa, um choro só. Farta da vida, de idas, e vindas, da lida, do pó.
Tão desolada Fayola estava que se esquecera quem era.
Tão magoada estava ela... Que, pudera, pudera...
Se esquecera que era feita e coberta por inteiro de cobre em pó.
Ela sempre esquecia quem era ela.
Sem saber que era guardada. De verdade.
Se esquecendo que era guardada de verdade.
Ela sempre esquecia quem era ela.
Ela sempre esquecia que era bem, e, muito bem, guardada.
Ela sempre esquecia quem era ela.
Fayola chorou, chorou, deitou-se, e adormeceu.

E sonhou, mesmo sem querer
Sonhou, e se pôs a sonhar.
Sonhou que estava dormindo, num leito lindo, lindo e lindo, como os amores...
Num quarto pequeno, colorido, enfeitado de Lua, de estrelas, de luar.
No teto de seu quarto havia véus, de todas, todas, todas as cores. Em sua cama macia, cetins e
almofadas rendadas. Um lustre, um abajur, cortinas de carmim.
No ar, um cheiro inebriante de mirra, de lavanda, e também de jasmim.

Estava tranquila, num sono profundo, “merecedor”. Quando, de repente, fora acordada por
duas vozes de mulher. Ela, como de costume, queria se espreguiçar, pois despertar é mui
diferente de acordar. Ela queria com carinho se levantar e se acolher, se abraçar frente ao
espelho, antes de abrir com cuidado a porta para quem quer que fosse. Mas, as Duas estavam lá
fora, a se queixar, pois com elas, “aquelas” duas vinha muito frio, um vento gélido, uma
sensação de morte. Elas não vinham sem nada trazer consigo.

A mulher, mesmo sem querer, se levantou, abriu a porta e as fez entrar. As recebeu contra a
sua vontade. Pois há anos elas vinham, se esbaldaram com as dores de Fayola e não queriam
partir.



A porta
Fotografia por Carlos Pereira, 2025



*Onde vai um, vão mais dois
por Bitta Bardo, 2025*